

HODA
BARAKAT
CORREIO
NOTURNO

tradução do árabe

Safa Jubran

Tabla

1	Na janela	9
2	No aeroporto	127
3	Epílogo: a morte do carteiro	151

*A noite, noite passada, foi estranha e perturbadora;
Mais estranho como mudamos, eu e você.
Uma vez mais, pelo amor do velho amor moribundo,
Nós saímos, uma vez mais, em direção ao mar.*

Algernon Charles Swinburne

1 Na janela

Minha cara,

Já que é assim que devem ser iniciadas as cartas, então, “Minha cara”.

Nunca escrevi uma única carta em toda a minha vida. Há uma, imaginária, que revirei durante anos na mente, mas jamais redigi. Caso tivesse escrito, minha mãe, que não sabia ler, acabaria pedindo a alguma pessoa estudada do vilarejo que a lesse para ela. Catástrofe. Depois, descobri que todo o vilarejo ficou embaixo d’água quando a represa rompeu. Não sei para onde se mudaram ou para onde foram deslocados. A represa de tecnologia moderna foi construída pelo presidente para irrigar as terras áridas. Talvez eu já tenha te contado essa história. Não me lembro mais. Em todo caso, não é essa a questão. O assunto aqui é, basicamente, a carta que girava na minha cabeça. Queria escrever para minha mãe sobre aquele momento, quando ela me colocou no trem, sozinho. Eu tinha oito ou nove

anos de idade. Ela me deu um pão e dois ovos cozidos, falou que meu tio estaria me esperando na capital e que eu deveria estudar porque era o mais inteligente da família. Também disse: “Não tenha medo. Não chore”.

Tenho de confessar que, quando o trem começou a andar, fiquei assustado, apavorado, me sentindo só, hostil a tudo. Tive muita vontade de agredir alguém, um desconhecido, sem nenhuma relação comigo. Algo para o qual eu não encontrava justificativa. É assim que eu libero meus impulsos: sem usar a razão, porque ela, às vezes, parece ser minha maior inimiga.

Quando aquele trem pegou velocidade, uma escuridão, parecida com o anoitecer no inverno, caiu sobre mim. Não tive mais medo nem chorei. Simplesmente mergulhei no cheiro de ovo cozido. Queria jogar o pão fora, mas não tive coragem. Era de manhã ainda (ela tinha me obrigado a acordar cedo), mas o trem seguia naquela penumbra, como em um longo túnel sem fim.

Aquele anoitecer ficou na minha mente, não importa que horas eram do dia. Era igual ao anoitecer quando o sol desaparece no horizonte, quando todas as criancinhas choram, todos os bons românticos ficam melancólicos, de Ihsán Abdel-Quddus¹ a Rilke. Uma tristeza inexplicável que envolve as delicadas e belas criaturas. Aquela senho-

1 Escritor egípcio, autor de romances populares. (Todas as notas são da tradutora.)

ra especializada em psicologia infantil uma vez escreveu: “Mãe, não se aflija com a ‘crise de choro das seis da tarde’, é um teste. A criança, por instinto, sabe que sozinha, abandonada pela mãe, vai morrer. Seu choro é para ter certeza da presença da mãe: ‘ela está aqui, então, não vou morrer’”. Minha mãe não esteve mais lá desde aquele instante.

Por você ser romântica e ficar triste ao anoitecer, e por gostar de cartas escritas em papel que o carteiro leva numa bolsa de couro pendurada no ombro e deposita na sua caixa de correio, eu vou te escrever uma carta. Talvez seja a única carta de toda a minha vida, enviada ou recebida. A neve, do tipo perversa e mesclada à chuva, não parou de cair desde a madrugada, e eu não vou sair com este tempo, de jeito nenhum. Vou ficar em casa e escrever uma carta para você.

Agora eu preciso encontrar com que preencher as linhas e o papel branco. O que eu poderia te contar? Não passou muito tempo desde nosso último encontro, ou teria passado? Além do mais, não tenho o dom de contar. Eu nunca conto nada útil a ninguém. As pessoas só escutam as outras movidas pela curiosidade. E eu falo muito, não paro de falar enquanto o olhar de quem me ouve continua ávido por informação, por alguma coisa excitante na minha vida ou na vida dos outros, de cuja ausência aproveitamos. É fofoca, mas chamamos de outros nomes. Você, provavelmente, já sabe que, quando abro a boca, falo tudo que me vem à cabeça. Quando vejo na minha frente, no

café, um homem sentado numa cadeira de madeira, eu começo a tecer histórias sobre a indústria da madeira, seus diferentes tipos e usos. Sou capaz de ir além, falar sobre o dano causado às florestas do nosso planeta, desmatadas e devastadas pela paixão pelo hambúrguer, a tirania do capitalismo selvagem e as empresas gigantes que atravessam fronteiras, países etc. E se a cadeira do homem que está diante de mim for de plástico, mergulho então no mundo do plástico: falo de seu surgimento como subproduto do petróleo até suas aplicações modernas nas salas de cirurgia especializadas em medicina molecular, e por aí vai. Eu aprendi muito desde quando a estação sumiu atrás de mim. Enchi a cabeça — que minha mãe disse que era inteligente — com apetência, firmeza e persistência, a ponto de o hábito de coletar informações sobre qualquer coisa, e em todas as áreas, se tornar uma necessidade, uma tentativa vertiginosa de preencher vazios estranhos como o da bulimia, ou do vício, me esquecendo por qual razão ou causa e para qual propósito. Então, que eu faça proveito desse depósito e surpreenda a quem me ouve, deixando a pessoa sem palavras, ou que eu encante as mulheres, encante você, não permitindo que sua mente fique livre um segundo sequer, e assim não consiga pensar. Pois eu não quero, nem me interessa, saber mais do que fiquei sabendo no primeiro segundo, no primeiro instante em que te vi. Eu não me calo porque não quero deixar nenhuma janela aberta para a intimidade, porque a intimidade é uma

armadilha. A conversa em voz baixa entre duas cabeças próximas é um tipo de confissão que tem a finalidade de quebrar o isolamento e afastar a desolação do coração das criaturas sensíveis que não suportam a solidão... Armadilha, na primeira acepção do termo, no dicionário *Almaany*, é “um precipício escuro”. Imagine!

E eu... você já sabe que eu não sofro com isso, nada me afeta, exceto, por exemplo, a história com o encanador, que me deixou muito bravo, porque marcou comigo, eu fiquei esperando o dia todo e ele não veio. O fato é que não sou divertido e não vou te entreter. Acabarei repetindo as mesmas histórias sem graça que está cansada de ouvir, mas vai disfarçar seu tédio e eu vou disfarçar que sei que você está entediada, porque, ao te aborrecer de propósito, eu faço você entender que não vai encontrar nada de diferente em mim. Não sei por que você fica comigo. O que vê em mim?

Sei que sou um homem de beleza mediana, ou até menos. Também não sou muito educado. Melhor dizendo, sou um tanto deselegante, como quando ligo para você no último segundo para dizer que não vou ao nosso encontro, alegando estar com sono ou sem vontade de sair, sem sequer te convidar para vir até minha casa, sabendo — segundo meus precisos cálculos do tempo — que você já estaria vestida e arrumada. Simplesmente bocejo, me desculpo e encerro a ligação sem marcar outro encontro. O que você está esperando para me largar?

No encontro seguinte, você chega sem repreensão nem mágoa. Com um coração magnânimo, aproxima sua cabeça da minha após os dois beijinhos, olha diretamente nos meus olhos, pisca e, atenciosa, diz: “Como vai?” Fujo dessa porta que você abre para a sedução dizendo que não tenho dormido muito bem ultimamente. Assim, passamos uma hora agradável conversando sobre o sono e a insônia, os motivos dos sonhos e das fantasias. No entanto, rapidamente, te vejo dando voltas insistentes, persistentes, no óxido de carbono que sai da minha boca. Você deseja outra coisa: quer me ouvir falar sobre o motivo da minha insônia, pois a insônia é uma brecha fácil pela qual você entra e me faz confessar. Por que todos esses jogos? Você, sem qualquer esforço, pode ver a paixão que sinto e como transpiro ofegante quando nos aproximamos e eu cheiro seu pescoço, como fazem os pequenos animais. Sua beleza radiante me faz arder. Você não precisa de mim para saber como é gostosa, basta ver isso nos olhos dos homens. É claro que você sabe, e é por confiar muito nesse seu saber que sempre me perdoa. Quem é igual a você não se preocupa, não desconfia, não tem ciúmes, por isso me afasto rapidamente quando você está na volúpia da sua vaidade. Pego um livro enquanto estamos na cama, ou comento sobre a bela mulher que havíamos encontrado. Depois, pisco como se fosse para um colega meu, me gabando da capacidade que tenho para seduzir e conquistar as moças boni-

tas. Você ri comigo brincando, sem raiva, nem sequer uma pequena mágoa, depois sai.

De nada adianta se arrepender. Me ajude aqui. Você precisa ser mais humilde, não a ponto de se humilhar, mas o suficiente para insinuar que está um pouco apegada a mim. Não tenho de te relembrar que cresci sem pais. Meu pai foi tirado de mim, um pouco como se tivesse caído inadvertidamente, como se aquela mulher, que me jogou para dentro do trem, o tivesse empurrado para fora, pela janela. Eu não sei como os homens gostam das mulheres. Na minha aldeia, dizimada pelo rompimento da represa, não havia mulheres que amavam nem que fossem amadas. Havia criaturas sem sexo, ou talvez, naquela idade, eu ainda estivesse na fase pré-sexual. Eu vivia envergonhado da minha fome constante, permanentemente preocupado em disfarçá-la. Só me esquecia dela quando estudava. As crianças, em casa ou na rua, estavam sempre às dezenas à minha volta, como nuvens de moscas ou de besouros nocivos, ou, na melhor das hipóteses, feito gafanhotos. Não havia para onde escapar, onde fabricar os atributos da masculinidade e da feminilidade, ou outras futilidades dessa natureza.

Pouco me lembro daquele lugar repugnante e de sua gente. Mesmo quando me ocorre durante o sono, vem sob a forma de pesadelo. São ambientes infestados de sarna, não, de lepra, que se espedaçam e caem da memória como os dedos dos leprosos; são lugares inóspitos, acometidos pela pobreza, e é tarde demais para curá-los. Toda vez que leio

algo sobre a felicidade de recordar a infância, sua inocência e doçura, e da saudade que deixa em nossa alma, fico surpreso. Imediatamente, minhas narinas se enchem com o fedor do esterco enlameado, lembro das nuvens de poeira cobrindo meus olhos, misturadas a remelas constantes que precisavam de muita água — que não tínhamos — para lavar e descolar as pálpebras um instante, uma hora, duas, antes que as moscas voltassem em bando para nos atacar armadas e resistentes aos safanões que lhes dávamos. É isso que você quer saber? Da minha infância? Dos anos que, como ensinaram a você, são o alicerce da personalidade do adulto? O início necessariamente feliz?

Depois, aproveitando a brecha que abri, você retorna à minha insônia. É só isso que vou obter? “Você ainda não consegue dormir bem? Seguiu meu conselho? Tomou a infusão de ervas que recomendei?” Por que não menciona nada sobre a insônia dos apaixonados, por exemplo, não é esse o propósito aqui? Bom, o que me causou insônia ontem não me causa hoje. Ou eu minto para me desvencilhar de uma confissão de algo íntimo, então você insistirá ainda mais; ou recuo e não minto, porque sou uma pessoa ansiosa e inconstante, então você virá em meu socorro; ou mudo o foco, renunciando à minha tentativa de levar sua atenção para mim enquanto homem insone etc. etc.

Mas e se fosse você a causa dessa minha insônia? Por que não tentar, por exemplo, me recuperar do interesse por outra mulher que me faz perder o sono?

Francamente, sua busca por significados se tornou insuportável. Lembra as histórias dos livros que você lê: introdução, desenvolvimento e conclusão. O tripé de ferro da lógica. Está assustadora em sua esperteza, em suas tentativas de arrancar o que há na minha intimidade, com o mesmo prazer de um caçador que abre as entranhas da caça. Vitorioso, pega uma faca e começa a cortar o ventre da presa pela parte inferior, antes mesmo de o coração parar de bater e enquanto ainda escapa um leve vapor pela mandíbula aberta.

É claro que estou exagerando, porque você também exagera ao levar a conversa muito a sério, como se levam a sério as evidências nos tribunais, só porque uma vez eu te disse que você era “única” para mim, apesar de que qualquer mulher menos inteligente entenderia minhas palavras como parte da sedução masculina em seu primeiro e mais simples estágio. É verdade que uma vez eu disse que estava apaixonado. Como se nenhum homem antes de mim tivesse se apaixonado por você! Como se eu fosse o único homem na face da terra! Você abaixou os olhos e sorriu, meiga e constrangida, sem me dizer: “Eu também estou apaixonada por você”. Depois... Depois ficou esperando que eu comesse a história, uma história qualquer. Que história, minha filha? Aquela “confissão” não foi suficiente? Mesmo o Chater Hassan foi informado sobre as exigências para conquistar a princesa Sitt Alhusn, e só depois o peixe que continha a pedra preciosa pulou no seu

colo². Será que devo ir pescar? Será que canto uma canção de Farid Alatrach?³ É um mal-entendido tremendo, e...

Mas espere um pouco...

Há um homem que não para de olhar na minha direção. Fica na janela, por trás do vidro, totalmente virado para mim, me observando. Faz um tempinho que comecei a ficar incomodado, e já fiz um sinal com a mão para ele parar e me deixar em paz, indicando claramente que eu não sou da sua laia. Ele, com sua constante, ou quase constante, vigilância, deve ter visto você na minha casa, quando fechamos a cortina na cara dele. Isso não tem cabimento! A cortina tapa a única fonte de luminosidade que tenho e me sinto sempre obrigado a deixá-la fechada para me livrar dele. É quase uma confissão da minha parte: tenho medo dele e por isso me escondo... Mesmo quando apago as luzes, fico espreitando; eu o vejo lá, olhando para cá com um sorriso maldoso que empurra o bigode para cima, como se soubesse que eu estou espiando.

Como você explica isso? Vai me dizer que é alucinação ou paranoia de usuário de cocaína? Você acha mesmo que sou um viciado? Só porque não obedeco às suas ordens

2 Alusão às personagens de um conto popular árabe fantástico: Chater Hassan (Hassan, o Esperto) e Sitt Alhusn (Bela Dama).

3 Famoso cantor e compositor árabe, era conhecido pelo tom triste de suas canções.

de parar de destruir minha saúde? Fico admirado, minha querida, que você esteja a essa distância da vida real. Não, a cocaína não é a vida “real”, mas sim as ideias prontas que você enuncia e sobre as quais não sabe absolutamente nada, a não ser o que recolhe aqui e ali segundo suas conveniências. Até poderia dar certo, se você não tivesse sido tão invasiva, mas conforme eu recuava, você avançava para ocupar o espaço; até mesmo este quarto mobiliado passei a chamar, como você fez, de “casa”. Um quarto miserável num prédio de apartamentos alugados pelos cafetões para as prostitutas que ficam na calçada ali embaixo. Tudo bem que chamemos de casa. Apenas mais um dos seus artifícios para me elevar do status de pobre; igual ao seu “esquecimento” de algum dinheiro na mesa... São boas intenções, é claro. É que eu não sou pobre, sou paupérrimo; mas, minha inteligência, como você diz, é uma fortuna! Tudo bem você trazer produtos de limpeza, desinfetantes e todo tipo de pano, além de caixas de papelão e sacos plásticos, e, como o furacão branco na propaganda de televisão, começar a varrer, limpar, polir, arrumar. Tudo para tornar este buraco uma casa! E ainda sentindo uma felicidade indescritível... Como posso me opor? É verdade que não existe nenhuma lei obrigando uma mulher liberal a gostar da sujeira ou da bagunça, mas você, sem dúvida, deve ter notado que os lençóis limpos e os aromas dos produtos antissépticos e desinfetantes diminuíram muito a rapidez e a potência da minha ereção. Por isso, você se desculpou da invasão desta

pequena área, na qual eu me isolei do mundo, e prometeu deixar as coisas voltarem a ser como antes, isto é, antes do furacão. Mas não cumpriu a promessa. Depois, eu mesmo comecei a trocar os lençóis, limpar a pia, tirar o pó antes da sua chegada. Tudo por medo de você! Como se não faltasse mais nada, exceto arrumar um canto para o fruto do nosso amor e começar a montar o bercinho de madeira que escolheríamos juntos no catálogo da Ikea.

Você está completamente fora da realidade. Certa vez, disse brincando que sua menstruação estava atrasada. O que você quer? Ser mãe? Minha mãe? O que te seduz nesse papel? São seus hormônios que estão subindo à cabeça e te cegando? Você não é um ser civilizado que controla seus instintos? Onde está seu famoso discurso sobre a feminilidade violada? Era uma armadilha só para me deixar tranquilo? É bom você se decidir e me dar a chance de explicar, talvez com poucos detalhes, para onde me levou aquele trem do interior. Quero dizer, como e com que rapidez eu me esqueci da mulher que me pôs nele. Do contrário, como eu poderia ficar naquele vagão que me levava não sei para onde? Eu me esqueci dela imediatamente. Ela também se esqueceu de mim. Nunca veio me ver. Talvez para não atrapalhar meus estudos. Sua ignorância e seu atraso só me deixaram o fedor do ovo cozido e aquele túnel escuro. Se a colocassem no meio de outras mulheres, eu não a reconheceria. Essa mulher destruiu minha vida e me fez errar neste mundo de Deus, cujos habitantes são estranhos. Es-

tranhos e órfãos. Nunca chegou ao meu conhecimento que tivesse procurado por mim. Contudo, quando ela morreu, um dos meus irmãos que, não sei como, encontrou meu número, ligou e disse: “Eu sou fulano, seu irmão”, não me lembro mais qual deles. Depois anunciou: “Sua mãe morreu”. Acho que eu respondi: “Meus pêsames”, ou algo assim. Então, fui tomado pela fúria. Comecei a questionar por que me ligaram. Qual era o propósito daquilo? Por que me informaram, sendo que nunca, nenhuma vez, quiseram saber de mim?

Quando uma galinha ficava doente, ela cuidava dela. Carregava a galinha o dia todo para que ficasse longe das investidas dos galos. Dava de comer na mão e só soltava depois que sarasse. Ela rezava para que o parto da ovelha não fosse complicado. Ficava do lado, passando a mão no pescoço do bicho. Cantava para ela e depois soltava um grito de alegria quando via o cordeiro se mexer na placenta. Chorava de tristeza ao escutar o balido dos cordeiros desmamados. Mas, para mim, nada. Dias se passavam sem que ela me olhasse. No banho, jogava água quente na minha cabeça e gritava comigo se eu reclamasse. Eu não tinha nenhuma utilidade: não dava ovos, nem leite, nem carne. Eu era apenas uma barriga de boca aberta. Por fim, me mandou para longe, para um lugar do qual ela nada sabia...

E aí ela morre. Não há mais lugar para a vingança. Não tem como acertar as contas, vislumbrar esse retorno que só existia em meus pesadelos. Neles, eu encontrava uma ma-

neira simples de contar a ela como se apagaram, dentro da minha mente, todas as moléculas de oxitocina. Explicava que os médicos aqui chamam essa substância de “hormônio do apego” — já que ela valoriza o saber — e que, no meu cérebro, superior ao dos meus irmãos, as regiões que apareceriam em preto num raio-X, por serem impermeáveis aos raios, eram exatamente as responsáveis por condições e sentimentos como depressão, medo, violência e abandono.

Li, uma vez, num livro, como as mães devoram seus filhos machos de tanto amor que sentem por eles. Engolem os filhos por saber que eles não serão felizes com ninguém, exceto com elas. Assim, devolvem as crias ao lugar de felicidade máxima, inigualável a nenhuma outra. A mãe, cujas entranhas só se satisfazem com a masculinidade do filho, oferecerá seu querido cadáver em sacrifício. Aí está, esse amor que se alimenta até mesmo dos cadáveres!

Eu, minha mãe me jogou naquele trem do interior como um saco de lixo. Por isso, no início, eu aceitei seu jogo. Você era uma nova mãe, de um jeito intermitente, eu sentia o cheiro do leite enquanto tentava preservar minha virilidade. Apesar das minhas tentativas persistentes, foi impossível, eu caminhava para o precipício, mesmo enxergando claramente. Me aproximar dos seus seios fazia, imediatamente, eu imaginar o leite; ficava com medo, ao apertá-los, de sentir as gotas escorrendo pelas mãos e o odor rançoso do líquido branco.